

Autor: Tomás Antônio Gonzaga

1

Lira XV

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Céu, que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas, e com cestos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;
Dizendo uns para os outros: "Olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são amores".
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

Autor: J. Estanislau Filho

2

MEU AMIGO VIRA-LATA

Meu amigo vira-lata ao me ver de cara amarrada, vira a cara. Faz greve, não vira lata, não derruba objetos, não revira o lixo. E se enrosca em sua toca, não troca carícias, não toca a ração. Mas que cão cheio de manhas! Mas se assanha quando grito “saia já daí e vamos dar um passeio”. Com seu focinho frio, toca meu rosto, me lambe... Sinto arrepios. Feliz, cheira meus livros, sobe na poltrona e faz xixi no tapete. Dá-me uma vontade dar-lhe um tabefe. De tão feliz se esquece de usar o xixizeiro. Deixo o tapete de molho e andamos pelas ruas de olho em tudo. E se alguém se aproxima, para falar comigo, ele late e me fita, como se dissesse “fica tranqüilo, aqui estou para defender meu amigo”. Depois de intensa caminhada, voltamos para casa. Ele quer água e comida. Come, bebe água, come mais, bebe mais e de barriga cheia, vai dormir depois de me sorrir. Cai em sono profundo. Entra em outro mundo. Um mundo de sonhos, pois rosna dormindo, abana o rabo, pois cão sem rabo é como árvore sem galhos. Chega mesmo a latir. Acho que ri. E é de mim. Sonha que sou um vira-latão. Ah, como amo esse cão.

Autor: J. Estanislau Filho

3

CRIANÇAS EM ALVOROÇO

O rugido do vento

Pela casa adentro

Assustou cães e gatos

Panelas e pratos

Ficaram em prantos Pulgas pularam

De puro espanto Dos pelos dos animais

Pois são medrosas demais As Crianças sorriram

Das pulgas correndo
Com asas batendo

Meninos: disse a mãe

Pulga tem moita

Não voa pula

A borboleta atenta

Voando lenta

Pousou na geladeira

Causou barulheira

Pois as Crianças
Na maior confiança

Quiseram pegá-la
E ela assustada
Fugiu pela janela

O vento rugiu de novo

Balançou as cortinas

Quando o pinto saiu do ovo

Meninos e meninas

Ficaram admirados

Vendo o pintinho molhado

Ele fez piu-piu

Todo mundo se distraiu

O vento ficou calado

O pinto piou de novo

Olhando as cascas do ovo

Que virou um ovo de páscoa

Foi assim que aconteceu

O vento então se escondeu

Ou foi embora enciumado

“Entrou pelo bico do pato
Saiu pela perna do pinto
Contei uma vocês contam cinco”.

Autor: Carlos Heitor Cony

4

SEM OLHOS E SEM DONO

Já me perguntaram e eu mesmo me pergunto qual seria a imagem mais completa e dramática do abandono, da desgraça, da miserabilidade. Respondo aos outros, mas nem sempre tenho coragem de responder a mim: a do cão cego e sem dono. Ou pior: a do cão sem dono e cego.

Deve parecer exagero atribuir a um cão um dos atributos mais comuns à espécie humana. Mas o homem tem sempre uma alternativa, a de acabar com tudo quando nada mais suportar. Já disseram que o único problema que realmente enfrentamos é o suicídio, uma capacidade que os animais não têm, exceto, segundo já me disseram, mas não tenho certeza, o escorpião.

Além de dispor de uma saída radical para a miséria e o abandono, o homem é responsável, até certo ponto, pelo seu destino. Há sempre uma esquina errada que ele dobrou pela vida afora e cujo preço pagará inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde.

O cão sem dono e cego é uma coisa viva e sofredora, sem apelação, pior do que inútil e desgarrado, pior do que desesperado, pois adquire a mansa lucidez de sua tristeza, de seu abandono, e desconfia de que nada possa mudar o seu destino.

À esta altura da crônica, antes que o possível leitor me faça, faço eu mesmo a pergunta: por que estou escrevendo um texto tão triste, tão despropositado e, acima de tudo, tão discutível? Afinal, eu não sou cego, ainda não cheguei ao ponto de me considerar um cão e tenho muitos donos, donos demais. De que estou reclamando? Não sou pago para escrever sobre um assunto que nem merece a condição de assunto. Mas escrito está.

Ontem, esbarrei com um cão sem dono e cego, que mancava de uma das patas, os olhos vazados não me viram, mas ele deve ter sentido o meu cheiro, a minha catinga humana. Vagava sem rumo aqui na Lagoa. Não o trouxe para casa. Quem é mais miserável?

Folha de São Paulo, 16/10/2003

Se você quiser opinar sobre os textos e o projeto, entre em contato conosco: (31) 3586-2511
www.lettras.ufmg.br/atelaetexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: Castro Alves

5

O “adeus” de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus . . .
E amamos juntos . . . E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co'a fala . . .

E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.

Uma noite. . . entreabriu-se um reposteiro . . .
E da alcova saía um cavalheiro
Inda beijando uma mulher sem véus . . .
Era eu . . . Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa . . .

E ela entre beijos murmurou-me: “adeus!”

Passaram tempos . . . séc'los de delírio
Prazeres divinais . . . gozos do Empíreo . . .
. . . Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei! . . . descansa! . . .”
Ela, chorando mais que uma criança.

Ela em soluços murmurou-me: “adeus!”

Quando voltei . . . era o palácio em festa! . . .
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! . . . Ela me olhou branca . . . surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! . . .

E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”

Autor: Gregório de Matos

6

Soneto

Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio, e minha guarda,
Livrrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

Autor: Affonso Romano de Sant'Anna

7

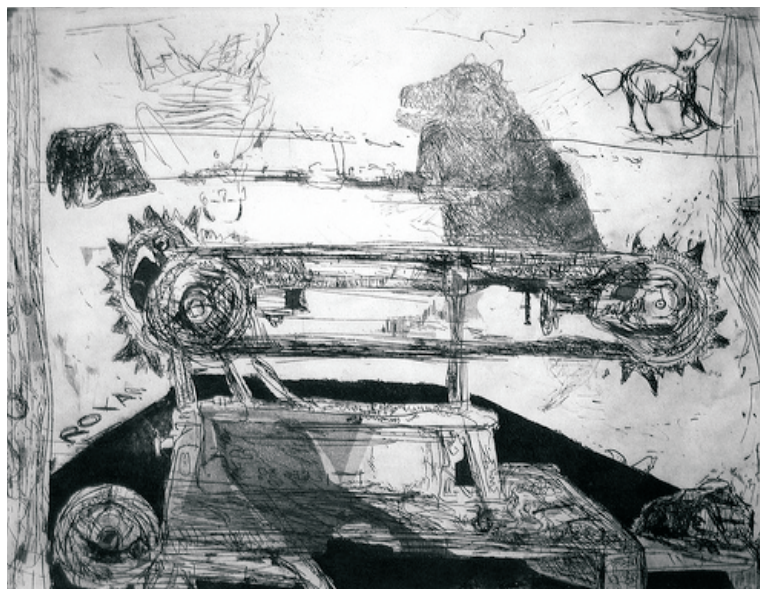
Carne seca

Hipocritamente durmo na madrugada enquanto bois são abatidos nos frigoríficos da manhã. Durmo hipocritamente sem ver o sangue que escorre pelas calhas da noite e começam a subir, ondeando, pelos pés de minha cama. Durmo sem ver o olhar do boi no matadouro. O olhar. O berro. A morte.

Tapo os ouvidos, mas os grunhidos dos porcos rasgam o pêlo da noite. O sangue espirra do curral da madrugada e homens ávidos vão desenrolando as tripas da fera, que estrebucha, para convertê-las em linguiça que hipócrita e porcamente me serão servidas.

Uma vez contaram-me como se matam gansos na França. Os bois, a gente pode pensar, levam aquela pancada súbita na cabeça e desmontam sua carcaça no ladrilho. Mas os gansos são cevados, como se cevam os frangos. Os frangos sabem que vão morrer nos campos de concentração vigiados pela SS dos frigoríficos. Mas os gansos conhecem o martirólogo dos santos e penitentes.

Começam a engordá-los. Ou, pior: cevá-los forçadamente. Os frangos, sabemos, são alimentados também artificialmente; deixam aquelas luzes acesas noite e dia, e eles comendo, bicando, comendo, bicando os segundos, bicando os minutos numa engorda rápida e lucrosa.



continua...

Leitura para todos

O Projeto Leitura para Todos foi o vencedor do Prêmio VivaLeitura 2007, concedido pelos ministérios da Educação e da Cultura.

Aqui você vai encontrar importantes obras da riquíssima Literatura Brasileira. Agora ela está nos ônibus de Belo Horizonte e contamos com a sua ajuda para conservar este texto.

Autor: Affonso Romano de Sant'Anna

8

Mas os gansos são agarrados à força. E então começa-se, por um funil, a socar para dentro deles a ração. Um funil ou moedor para que a comida já vá direta para dentro, chegue mais rapidamente ao fígado que, em forma de patê, colocarei em minha mesa no fim de semana na casa de campo. Mas não é sobre gansos que estou escrevendo especificamente e sim sobre a carne que para mim se prepara na escuridão hipócrita de minha fome.

Na infância de todo mundo (pelo menos no interior e antigamente) havia sempre uma galinha que alguém começou a matar na cozinha. E foi cortar o pescoço dela, tendo asas presas sob os pés contra o ladrilho, e, de repente ela se soltou. Se soltou e saiu com o pescoço pendurado jogando sangue pelas paredes até expirar no degrau para o quintal.

Há quem vá aos restaurantes especializados em peixes, porque quer ver o peixe vivo, o peixe que vai escolher no aquário. E aponta-lhe o dedo, “quero aquele ali”, e se senta à mesa, enquanto na cozinha jogam lagostas vivas na água fervente e a champanha espuma sua indiferença na taça dos ricos.

Carne deveria dar em árvore.

Mas um dia me mostraram uma árvore que sangra. Meu caseiro espetava-lhe um prego, arame ou qualquer instrumento torturante, e lá vinha aquela gota vermelha. Não faz muito descobriram que os vegetais também são seres humanos. Já ouviram tomate chorar e laranjas terem vertigens quando colheram uma ao lado da outra na lâmina da morte.

E a esta hora estão pegando leitõezinhos que, assados, ainda ganham sobre o nariz uma rodela de laranja, e aqui e ali azeitonas e outros adereços. E hipocritamente me assento numa churrascaria. Bebo um chope junto com a caipirinha e peço voluptuosamente uma picanha. Por que não, um churrasco completo? Sim, aceito. E lá vêm os cadáveres eufóricos, correndo para o meu prato: tomo a faca, empunho o garfo como um guerreiro tártaro. E como. E como. E rumino. E mastigo. E gosto. O sangue da vítima vai se misturando ao meu civilizadamente. Barbaramente.

O pior antropófago é o que tem remorsos de sobremesa.

Se você quiser opinar sobre os textos e o projeto, entre em contato conosco: (31) 3586-2511
www.letras.ufmg.br/atelaetexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: Affonso Romano de Sant'Anna

9

SOBRE OS TELHADOS DO IRÃ

Sobre os telhados da noite, no Irã
ecoa a voz agônica
dos que querem
se expressar.

Não é a ladainha dos Moezins
e suas preces monótonas
-conformadas

é o canto verde rasgando
o negro manto dos aiatolás
como se do alto das casas
fosse possível antecipar
-o parto de luz
que sangra na madrugada.

Autor: João Freitas

10

SEM SENTIDO

Cocorococó, ai, ai, ai!
Eu sou um galo da paz,
Da raça dos galos de briga.
Sou o filho da dor:
Dor de bater nos amigos,
Dor de apanhar dos semelhantes,
Dor da ferida aberta e profunda,
Dor da cicatrização sem pontos,
Da bicada do bico amolado,
Do esporão de ponta afiada,
Do meu dono que me maltrata,
Que despreza a minha vida
Nas lutas sem sentido das rinhas.

Ah, Anjo Protetor dos animais!
Não te esqueças dos da cidade,
Desce voando aí do Céu Verde,
Vem ao Coliseu das frustrações,
Soprar nos ouvidos da insanidade
A cura deste desvio de conduta
Alimentado pela indefesa dor alheia:
Um divã freudiano de veludo,
Um cofre com segredo digital,
Para guardar a vergonha coletiva
Da prática cruel das brigas de galo.
E impedir a volta da vítima ao cativoiro
Deste humano desumano.

(ONG +Vida - Piauí

João Freitas escreveu em verso ao IBAMA, protestando contra o sacrificio de 140 galos de briga
apreendidos numa rinha nos arredores de Teresina)

Se você quiser opinar sobre
os textos e o projeto,
entre em contato conosco:
(31) 3586-2511

www.lettras.ufmg.br/atelaetexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: Affonso Romano de Sant'Anna

11

Estes animais em torno

Ali, defronte à Pousada da Ponte, em Tiradentes, o menino abusava; chicoteava um cavalo, e eu já não agüentando mais, disse: – Olha aí, cara, você sabia que cavalo também é gente? (E ele me olhando espantado, como se isso fosse uma revelação ameaçadora). É, ele é gente igual a você. Vê se trata dele melhor; ele não é seu? Pense que ele é seu irmão, ou você mesmo.



E fui pensando: para que chicotear o desvalido animal? Para que esporeá-lo, assim inutilmente, a não ser para exercer a força e o poder diante de um ser tangido obrigatoriamente à obediência? A rigor, não é de hoje que os animais me comovem. E salta na memória meu pai discutindo com um carroceiro, que chicoteava sadicamente um burro, diante de nossa casa, desnecessariamente. O olhar de pânico do animal, que não entendia nada do que estava acontecendo, e agitava o pescoço, tisonava as ferraduras nas pedras, erguia o corpo, se esfalfava por sair do lugar e daquela situação, desesperadamente.

Meu pai deve ter dito ao carroceiro o que eu disse ao menino, ou melhor, eu disse ao menino em Tiradentes o que meu pai disse ao carroceiro em Juiz de Fora, que burro é gente. Lembro-me que meu pai invocava a Sociedade Protetora dos Animais e foi a primeira vez que ouvi falar nisso. O carroceiro certamente não sabia o que era aquilo, ele que era um animal igualmente sem proteção de qualquer sindicato ou lei, com um sistema que também o chicoteava todos os dias, logo que a luz do sol lhe punha os arreios do trabalho.

continua...

Se você quiser opinar sobre
os textos e o projeto,
entre em contato conosco:
(31) 3586-2511

www.letras.ufmg.br/atelaotexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Leitura para todos

O Projeto Leitura para Todos foi o vencedor do Prêmio VivaLeitura 2007, concedido pelos ministérios da Educação e da Cultura.

Aqui você vai encontrar importantes obras da riquíssima Literatura Brasileira. Agora ela está nos ônibus de Belo Horizonte e contamos com a sua ajuda para conservar este texto.

Autor: Affonso Romano de Sant'Anna

12

O fato é que estou ficando cada vez mais sensível aos animais, e possivelmente a mim mesmo. Não bastassem os cães, preocupo-me até com a vida das formigas andando na pia e, se uma barata aparecer, colho-a dentro de um jornal e jogo pela janela; esmagá-la, jamais. Essa coisa de animais, plantas e até mesmo pedras, tudo tem vida. Há pouco li que um estudante de biologia, em Porto Alegre, se recusou a matar as cobaias, alegando que aquelas experiências podem ser feitas no computador e que ele estudava para ajudar e não para matar animais. Obteve uma liminar da justiça e levou para casa três lindas cobaias que iam ser sacrificadas.

Outro dia, no Egito, passei por sofrimento pior que aquele em Tiradentes. Dezenas de charretes conduziam centenas de turistas para a localidade em que estava o gigantesco “obelisco inacabado”. Algumas charretes eram bonitas, bem tratadas, alguns burros também. Mas, quando começávamos a subir uma estrada e a besta se esforçando, suando para nos transportar, o dono da charrete começou a chicoteá-la. Cada chicotada batia era no meu lombo. Eu quase descendo para botar os arreios e ajudar o bicho a subir a ladeira. Ou quase pegando o carroceiro, botando os arreios nele, e fazendo-o puxar a charrete, agora comandada pelo burro. Não dá para defender os excluídos e miseráveis e continuar a maltratar a natureza e os animais.

Outro dia, estava em São João del-Rei, altas horas da noite, quando todos os bares e restaurantes se fechavam, passou por mim um cão, um cão vagamundo-vagabundo. Não sei por que lembrei-me de um verso de Paulo Mendes Campos em que recordava o tempo em que ele, como o cão metafísico, gania para a eternidade. Meu Deus! Cada vez estou mais próximo dos animais e de São Francisco! Olho o meu irmão cão, sinto uma dor canina atravessar-me os ossos no frio da noite mineira. Esse cão andarilho na noite deve ser eu mesmo. Ele é meu duplo, ou melhor, o meu uno.

Para onde está indo esse cão? Paro de prestar atenção na conversa de fim de noite na calçada. Eu o contemplo, enquanto ele olha algo longe, algo longínquo além daquela praça. Procura. Como que antenando algo, ele fareja o infinito. E, de repente, sai andando, como se soubesse para onde ir e o que buscar dentro da escura noite.

Que nem eu.

Se você quiser opinar sobre os textos e o projeto, entre em contato conosco: (31) 3586-2511
www.lettras.ufmg.br/atelaetexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: J. Estanislau Filho

13

A SEMENTE DA VIDA

Vem do chão e das mãos o alimento,
sustento da vida.

A mão que recolhe o grão e o semeia,
dá sustança à vida.

O chão que faz brotar o grão que morre
é esperança de vida.

Agradeçamos, pois, terra, grãos e mãos
que produzem alimento,
alegria suprema da vida.

A vida que brota da terra à terra retorna,
para nascer de novo.

Que ninguém viole o solo sagrado,
túmulo de nossos ancestrais,
berço de futuras gerações – razão da vida.

A mão que colhe e semeia
não pode separar-se do corpo,
seja nas fábricas ou nos campos,
pois a mão é para o corpo

o que o grão é para a terra – vida em abundância.

Autor: Bilá Bernardes

14

Surdez

Ensurdecedor
barulho dos canhões

Ensurdecedor
o som das bombas
sobre o oriente médio

Ensurdecedor
o som das mortes silenciosas
em periferias de nossas
cidades

Ensurdecedor
o grito mudo
de quem silencia denúncias
de abusos
em todos os espaços

Ouçam o silêncio!
Ouçam o que ele grita!
Ouçam o que denuncia!

A morte do pensamento
sangra mais
que os noticiários
dos jornais

EU TAMBÉM VOU RECLAMAR

Eu também vou reclamar
De um modo diferente
O mundo será melhor
Se cuidarmos do ambiente
Desta nave incandescente

Se a consciência ecológica
Ecoar dentro de nós
Inverteremos esta lógica
O horário será anti-horário
Com resultado contrário

A contrariar prognósticos
De efeitos catastróficos
O meio ambiente ficará inteiro
E viveremos em harmonia
Sob o signo da alegria

Para uma vida de conforto
O pouco será bastante
Casa comida diversão e arte
Quem sabe passear em Marte
Em uma nave flutuante

O Planeta Terra será água
Será terra será floresta
Será bicho será festa
Peixes e dias nascendo
Noites anoitecendo

Sem sustos e medos
A hipocrisia um arremedo
De um passado distante
O universo será vasto
Como o coração dos amantes.

Autor: Olavo Romano

16

Como vivem as pessoas

O velho jipe largou o asfalto e pegou a estrada de terra. Tudo ocorrendo normal, com hora e meia entravam em Santa Maria. Os dois casais eram estrangeiros e iam apreciando a paisagem: região montanhosa, terra fraca, campo ralo e cerrado. De vez em quando uma fazenda com capineiras em volta, barracão quase afogado no capim verde. Aí o gado era melhor, holandês preto e branco ou branco e vermelho. Mas, no geral, eram vacas magras e compridas, orelhas grandes, lembrando a origem zebuada já meio perdida.

Passaram por três mulheres que balançavam as cadeiras e equilibravam na cabeça um feixe de lenha. Um bando de anum-preto cruzou barulhento na frente do jipe. Um gavião carrapateiro voou para seu ninho. Estava quase anoitecendo.

Avistada de longe, Serra do Cristal parecia um presépio. Lá teriam de abastecer. Daí a pouco estavam subindo a rua comprida, que chegava na Praça da Matriz. Deram várias voltas sem encontrar uma bomba de gasolina. O menino sentado no passeio informou a casa, na esquina de baixo, onde podiam quebrar o galho. Foram até lá.

Um rapazinho os atendeu na porta, meio fascinado com o sotaque. Enquanto o tanque enchia, os homens quiseram saber sobre o fubá e as coisas que podiam ser preparadas com ele. O menino da gasolina pediu ajuda ao patrão. Muito calmo ele explicou como é que se fazia angu, farinha, broa comum e de fubá de canjica, sopa, mingau... A dona da casa convidou as duas mulheres para entrar, descansar um pouco, tomar um cafezinho.

— Aqui não tem indústria – disse uma delas.

— Tem não.

— O comércio também não é muito forte.

— Comerciozinho de lugar pequeno. Dá pra ir vivendo apertado.

— No caminho não vimos nenhuma fazenda grande, a terra parece fraca.

— É. Terra ruim. Nenhum fazendeiro muito forte.

— Em compensação não tem mendigo na rua.

— Tem mesmo não. A Conferência quase que só ajuda é o compadre Nicodemos, mesmo assim por questão de doença e bebedeira. No mais, todo mundo é mais ou menos remediado, nem muito rico nem muito pobre.

— A gente viu o povo na porta das casas, crianças brincando na rua. Todo mundo bem vestido. Roupas simples mas limpa e de bom gosto. Pareciam bem alimentados e com saúde. Mais importante, tinham um jeito feliz.

— No comum, tirando alguma doença ou morte na família, que isto não tem jeito de não ter, o povo é feliz. Ou conformado.

— Mas, afinal, de que é que vocês vivem?

Apanhada de surpresa, ela pensou um minuto antes de responder. A única explicação foi esta:

— Ah, dona, acho que a gente vive é da misericórdia de Deus.

Autor: Jarbas Medeiros

17

A couve

A couve, esta ou aquela couve, a couve crespa, a tronchuda, a murciana, a saloia, a verde, a repolhuda, a lombarda e outras mais, a couve é uma hortaliça de fama e renome milenares. Egípcios, gregos, macedônios e mesopotâmicos consideravam a couve como uma Divindade virtuosa. Zeus, o deus dos deuses, exigia a couve, todos os dias, em sua mesa. Alimento rústico, sadio e reparador. A erva da longa vida. Ela fica mais viçosa quando plantada em terrenos devidamente adubados com materiais fecais ou mesmo imundícies das cidades. Na botica primitiva, dada sua dotação de enxofre, a couve, de sabor sempre agradável, era responsabilmente recomendada para a cura de úlceras, assim como xarope privilegiado para bronquites crônicas e outras afecções pulmonares renitentes. Médicos de prestígio internacional a receitavam contra os vermes intestinais e também como antiescrofulosa. A couve contém preciosas matérias albuminosas, princípios sulfurados, fosfatos, azoto, ferro orgânico e amidos. O grande Napoleão Bonaparte, dizem, cultivava com zelo, ele próprio, um canteiro de couve em seu Palácio de Fontainebleau. E quando partia em suas campanhas militares, deixava sempre um serviçal de estrita confiança, exclusivamente por conta de seu canteiro de couve. O Dr. Mauneyrat dedicou longos e longos anos de sua vida científica a fazer pesquisas conscienciosas e devidamente comprovadas sobre o alto teor de ferro da couve face aos demais alimentos. Os portugueses, nosso povo amigo, descobridor e fundante, sempre inteligentes e espertos, não dispensam a couve no seu caldo de unto, com arroz ou bacalhau e batatas ou apenas refogada, acompanhada sempre da boa broa de milho e centeio. Mas a couve deve ser muito bem cozida, pois estômagos fracos e dispépticos, por vezes a julgam um pouco indigesta e pesada.

continua...

Se você quiser opinar sobre os textos e o projeto, entre em contato conosco: (31) 3586-2511

www.letras.ufmg.br/atelaotexto
telaotexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Leitura para todos

O Projeto Leitura para Todos foi o vencedor do Prêmio VivaLeitura 2007, concedido pelos ministérios da Educação e da Cultura.

Aqui você vai encontrar importantes obras da riquíssima Literatura Brasileira. Agora ela está nos ônibus de Belo Horizonte e contamos com a sua ajuda para conservar este texto.

Autor: Jarbas Medeiros

18

É bem verdade que existe uma lenda judaica antiquíssima (mas de pouca credibilidade) em que se diz que Jesus, Nosso Salvador, teria sido sentenciado à morte pelos judeus, como feiticeiro. No entanto, conta a lenda, Ele só pôde afinal ser enforcado em um pé de couve, teria Ele Próprio conjurado todas as outras árvores a não aceitarem o Seu corpo. É desconhecido, até nossos dias, apesar de inúmeras e cuidadosas pesquisas documentais e arqueológicas, o motivo pelo qual a couve, especificamente a couve, teria escapado aos poderes encantatórios do Cristo. Por outro lado, a couve é bem considerada pelos cristãos mais observadores e sensíveis, pois ela é planta crucífera, ou seja, tem a forma de uma cruz, lembrando aquela do sacrifício de Nosso Senhor. Deixemos de lado essa intrigante questão, no mínimo, inconveniente nos tempos atuais. O terror da couve, isso sim, é a lagarta do Melolontha, conhecida como rosca ou verme branco, ou as lagartas Pieris brassicas e as Pieris napi ou rapae, as cryptogamicas nocivas, Plasmodiophora brassicae e mais os pulgões, todos parasitas vorazes e insaciáveis. Devem todos ser esmagados sem piedade! Falamos então da abóbora, do agrião, da alface, do caruru, da aurícula, da azedinha, da borragem, do almeirão, da catalônia, da cenoura, da chicória, do espargo, do espinafre, do mamão verde, do mentrasto, do sabugueiro, da serralha (laxativa), da taioba, do taraxaco e do tomate. Falamos. Mas alguém, pergunto, ousaria afirmar que qualquer deles, por melhor que seja, se iguala à couve – a suprema e incomparável rainha das hortaliças? Singela, perfeita e encantada couve. A couve.

Se você quiser opinar sobre os textos e o projeto, entre em contato conosco: (31) 3586-2511
www.lettras.ufmg.br/atelaotexto
telatexto@gmail.com

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: J. Estanislau Filho

19

OS IPÊS ESTÃO FLORIDOS

*Os ipês estão floridos
Enfeitam a cidade sem exigir nada em troca
Derramam luzes e cores
Como só a mãe natureza sabe fazer*

Monóxido de carbono
Lixos
Cores fabricadas dos outdoors
◊ cinzento dos concretos
Flores artificiais mortas
Ruídos
Que me lambem o corpo.

*Quero ver os ipês floridos
Quero resgatar o homem do mato que habita em mim
O homem meigo manso...
Ipês floridos: atirem suas flores em mim
E me asfixiem
Ipês floridos: deixem cair suas luzes
Sobre este corpo poluído de som e fúria
E o desintegrem
Para se misturar à terra
E nascer de novo
Purificado.*

(Do livro: O Comedor de Livros – ad. Do autor – 1991 – esgotado)

Sincronias

Era um domingo gelado. O homem estava no restaurante do clube de campo, numa mesa localizada junto ao parapeito do terraço. De lá até o chão, uns bons cinco metros de altura. O homem não sabia porque tinha escolhido aquela mesa, já que havia várias outras disponíveis do lado de dentro, onde uma lareira tornava o ambiente mais acolhedor. Um dia frio como aquele, e o homem sentado na varanda, sozinho. Pediu uma caipivodka, encolheu-se dentro do agasalho acolchoado e ficou apreciando a paisagem da montanha envolta em neblina, até que chegou sua feijoada.

O homem escutou uma algazarra às suas costas. Eram crianças que entravam no salão do restaurante. Crianças correm demais, pulam demais, sobem onde não devem. Para tomar conta delas, uma única mãe, e bastante desorientada. O homem continuou atacando os torresmos, distraído. Foi quando aconteceu o inexplicável. Sentiu um calafrio, um sopro, uma força. Algo mandou-o virar-se para trás, agora, vamos, mexa-se! O homem largou o garfo a tempo de agarrar pelo short, no instante final, uma criança que despencava pelo parapeito, rumo à morte certa. A mãe, impotente à distância, quase desmaiou de susto.

Que tal pegar o dicionário e — tchan! — abrir direto na página da palavra procurada?

Misteriosas sincronias. Chamá-las de “acaso” ou “sorte” para mim é pouco; é subestimá-las, tratá-las sem nenhuma reverência.

Hoje de manhã, arrumando meu café, fui tomado por uma súbita vontade de comer castanhas do Pará. Não que eu cultive o hábito de incluir espécies amazônicas no meu desjejum. Mas, sei lá, me deu vontade. Daí lembrei-me que existia, em algum lugar da cozinha, uma lata com castanhas do Pará, compradas numa viagem ao norte do Mato Grosso, onde fui produzir um documentário. De fato, lá estava a latinha no fundo do armário. Satisfeito com a descoberta, abri a tampa e preparei-me para comer castanhas com mel e banana amassada. Mas que surpresa: as castanhas tinham se transformando no berço natural de minúsculos insetos alados que acabavam de nascer, provavelmente no dia anterior. Estavam impacientes, aguardando que Dona Sincronia mandasse logo alguém para libertá-los.

Obedecendo às ordens da respeitável senhora, deixei a lata aberta na janela e fiquei ali, por alguns minutos, contemplando os pequenos insetos que voavam em direção ao azul da fresca manhã de abril. Estranha sensação, esta de pertencer ao mesmo mundo dos insetos isópteros.